

O Caos está instalado

Como ninguém se entende, depois do discurso do Presidente Cavaco Silva, o caos é total. Mas falta o principal: este Governo de Passos Coelho, que está há muito moribundo e completamente paralisado, não teve a dignidade de se demitir. Por isso tudo continua na mesma. Sem que ninguém veja uma saída para o futuro deste País. Mas há...

Os mercados e a Troika já perceberam que com este Governo tudo irá de mal a pior. O descrédito é total, como a imprensa internacional vem manifestando. Não somos a Grécia, dizia com um orgulho tonto, Passos Coelho, o fiel aluno da Chanceler Merkel. Pois não. Somos pior que a Grécia.

Os portugueses sabem que com Passos Coelho tudo irá mal, sem remédio. Victor Gaspar, quando se demitiu, numa carta lúcida, que tornou pública, acusou Passos Coelho e responsabilizou-o. Enquanto persistir este Governo nada se modifica. É verdade, e cria um total vazio.

O Presidente da República, no seu discurso, humilhou Passos Coelho e o seu actual aliado, Paulo Portas, que muda de opinião como quem muda de camisa. O Governo que Passos Coelho tinha fabricado, para convencer Portas, e que continha como ministros dirigentes do CDS/PP, afinal não existe.

Portas não será Vice-Presidente do Governo, mas tão só ministro dos Negócios Estrangeiros, como era. Perante tal humilhação, Passos Coelho e Portas nem sequer protestam. Porque o que querem é continuar no Governo, a todo o custo, venham as humilhações que vierem...

O contrário do que pensam os portugueses que acham que enquanto Passos Coelho não desaparecer, como primeiro-ministro nada de bom lhes pode acontecer. E Portas? Estava ao lado de Passos Coelho, na última sessão do Parlamento, como um cordeirinho. E falou sem dizer nada de jeito. Uma tristeza da parte de um homem inteligente mas, ao que parece, sem carácter...

Para os portugueses vítimas de tantos atropelos, roubo das pensões, desemprego, que os obriga a emigrar, sem saber como valer aos filhos, a prioridade das prioridades consiste na demissão do Governo. É também a opinião do PS, do PCP, do Bloco de Esquerda, na sua esmagadora maioria, das centrais sindicais, dos parceiros sociais, e mesmo dos empresários e de alguns banqueiros.

Partilho, cem por cento, essa opinião, embora não tenha hoje nenhuma responsabilidade política e nem a queira ter. Limito-me a pensar e a dizer o que penso.

E quem substitui o Governo Passos Coelho/Portas? Há várias soluções que o Presidente da República pode escolher: um Governo de Salvação Nacional, dirigido por um homem sério e não ligado aos negócios, como Silva Peneda ou outros, uma vez que o Presidente da República não quer convocar eleições, antes de 2014 e recusa - e bem - um Governo de iniciativa presidencial. O essencial, como pensam os portugueses, é que este Governo caia e desapareça, antes que caia a mal.

Os Partidos - sem excepção - estão em queda na opinião dos portugueses, como a política e os políticos em geral. Era bom que se entendessem sobretudo os da Esquerda (ou que se reclamam da Esquerda), sem terem partido nenhum. Mas também os social-democratas anti-Passos Coelho que são obviamente importantes e devem começar a agir. Há hoje uma onda cívica de pessoas que não se revêem em nenhum partido, mas querem agir política e civicamente e que o têm feito. É óbvio que os Partidos têm que se modificar e desburocratizar. Porque os Partidos são necessários e essenciais em democracia.

O Presidente disse no seu discurso que os três Partidos do arco do poder se devem entender. Agora? Mas como, se nestes dois últimos anos o Governo Passos Coelho só tentou inferiorizar o PS de todas as formas, como lembrou o deputado e antigo Presidente dos Açores, Mota Amaral, insuspeito, com o seu bom senso e sabedoria habituais.

Isso é uma impossibilidade aparente. Só se o PS fosse dirigido por alguém que não tivesse senso, o que não é obviamente o caso. Como as referências permanentes em relação à assinatura do Memorando, o qual já teve sete avaliações. Onde isso já vai?... Quem foi além do Memorando foi o Governo Passos Coelho, com uma subserviência total em relação à Troika. Mais ninguém. Por sinal quis sempre ir além da Troika, cada vez mais austeridade, para agradar à sua mestra Angela Merkel, como todo o País sabe... Que tem o PS a ver com as avaliações até à actual? Nada!

A austeridade só agravou a situação portuguesa, cometendo-se erros e mais erros, como reconheceu Victor Gaspar. E tendo estado, desde então, a vender a retalho o nosso património, continuando a dever cada vez mais dinheiro à Troika e aos mercados usurários que a comandam. Há que gritar: BASTA! Este Governo não pode continuar a destruir o País e a empobrecer, até aos limites da miséria, os portugueses, de todas as classes e sobretudo os mais pobres.

Cavaco Silva não pode esperar nada de bom - e sobretudo a paz em que temos estado - se espera continuar com este Governo, mesmo humilhado, até Junho de 2014. Reflicta em que situação estaremos todos, a começar por ele próprio...

Constituir um Governo de Salvação Nacional com gente incorrupta e patriótica. É do que precisamos como de pão para a boca. Se assim não for, o seu discurso terá sido uma boa vingança mas não faz qualquer sentido.

2. A importância da CPLP

A Comunidade dos Países de Língua Portuguesa foi consequência da rapidez com que a descolonização foi feita, respeitando a dignidade das nossas colónias e daqueles que se batiam no terreno para a obter: a Guiné-Bissau, Angola e Moçambique.

Claro que isso só foi possível dada a Revolução dos Cravos, que derrubou a ditadura e abriu caminho ao fim das guerras coloniais, o que só podia acontecer concedendo-lhes o direito à autodeterminação.

A vitória do MFA abriu a porta, desde logo, aos emigrantes anti-fascistas que estavam então deportados, dos quais os primeiros a chegar foram Ramos da Costa, Tito Morais, Oneto e eu próprio. Todos do PS, que se tinha constituído em Partido, desde 1973, um ano antes, na Alemanha.

Quando regresssei tinha a ideia dos três slogans do MFA: democratizar, descolonizar e desenvolver. Mas por outra ordem: descolonizar devia ser a prioridade e só depois podíamos democratizar a sério e desenvolver. Porquê? Porque Portugal tinha que pôr fim às guerras coloniais, sem o que a democratização como a fizemos e o desenvolvimento não podiam ocorrer. Foi o que disse no próprio dia em que cheguei e conheci o General Spínola. Que aliás estava longe de ter o meu ponto de vista: com a sua experiência na Guiné, achava possível acabar com as guerras sem reconhecer aos países em guerra o seu direito à autodeterminação.

Não era possível.

Por isso, quando me ofereceu o lugar de ministro sem pasta, lhe disse que só aceitava ser ministro dos Negócios Estrangeiros, apesar dos ministros sem pasta serem protocolarmente mais importantes do que os outros. Assim aconteceu e o PS, ao contrário de alguns PSs me disseram, só ganhou com isso.

Vem isto a propósito do reconhecimento do direito à autodeterminação dos Povos coloniais em guerra contra Portugal como exigia a ONU. A paz que se fez com o reconhecimento do direito das colónias à autodeterminação e, a seguir a isso, com a descolonização que, foi fácil e rápida. O que permitiu, depois disso, que os Povos antes colonizados se tenham tornado independentes, mantendo todos, a língua portuguesa e constituído, com o Brasil, Timor e todos os outros que hoje a compõem, a Comunidade dos Países de Língua Portuguesa.

Na semana passada fui visitado por alguns timorenses ilustres entre os quais um genro de Xanana Gusmão e uma ilustre personalidade que conheci no exílio há anos mas de que não me lembrava, Roque Rodrigues, que me vieram comunicar que no início do próximo ano é Timor a quem cabe presidir à CPLP. E queriam falar comigo a esse respeito, convidando-me, desde logo, para ir a Timor, que aliás, por esta e aquela razão, nunca tive oportunidade de conhecer.

Infelizmente o estado de convalescença em que ainda me encontro não me permite, desde já, ir lá, embora a curiosidade não me falte.

Timor, do outro lado do Mundo, como percebi, leva muito a sério - mais do que, infelizmente, muitos portugueses - a importância da CPLP. Sem esquecer, como dizia Pessoa, que a nossa Pátria é a Língua Portuguesa. A CPLP é a nossa língua comum.

Portugal infelizmente, segundo me parece, não tem dado a importância que é devida à CPLP. A nossa língua comum, a quinta mais falada no Mundo, é uma pérola que não podemos deixar de desenvolver. Mas é preciso dar mais prestígio à CPLP e fazer tudo para a desenvolver. A Galiza e outros países como a Guiné Equatorial querem pertencer-lhe e devemos integrá-los se assim o desejam. Só é vantajoso para nós.

Sobretudo porque temos muito prazer que um Estado soberano como Timor seja o próximo Presidente da CPLP, embora esteja no outro lado do Mundo. É a forma de mostrar que a nossa língua é muito valiosa, mais do que a economia ou os negócios, que tanto os americanos como os britânicos pensam estar acima de tudo... Não é assim, porque a língua e a cultura são mais importantes do que o dinheiro.

3. Uma exposição invulgar

A Casa-Museu • Centro Cultural João Soares, que tem a sua sede em Cortes, a sete quilómetros de Leiria, inaugurou no sábado passado uma exposição, concebida e feita pelo artista, historiador e homem de cultura, Jorge Estrela, intitulada: "Viagem de Cosme III de Médicis em Portugal no ano de 1669".

Trata-se de uma exposição muito original e que demorou muito tempo a concluir (mais de dois anos, ao que penso), feita a partir dos desenhos de Pier Maria Baldi, pintor e arquitecto italiano que acompanhou na sua viagem a Espanha e a Portugal o Grão Duque da Toscana Cosimo III de Médicis, que ocorreu, como disse, em Janeiro de 1669, quando os dois Estados tinham feito as pazes e o reconhecimento da independência de Portugal, depois de 1640.

Trata-se portanto de uma série de aguarelas e desenhos feitos pelo referido arquitecto Baldi sobre muitas terras e cidades portuguesas, cujos originais constituem hoje documentos já muito frágeis (e, por isso, não abertos à consulta do público). Foi a partir deles que Jorge Estrela trabalhou afincadamente para os recriar, com rigor mas com a originalidade do artista que é. Sobretudo nas cores, já muito esbatidas nos originais.

Dá-nos uma visão interessantíssima - e talvez única do que era o Portugal de então. Para alguém que ama a sua Pátria e a quer conhecer, como o mais velho Estado europeu, com as mesmas fronteiras intocáveis, merece bem a pena visitar esta exposição que estará aberta ao público nos próximos meses.

Tem, aliás, um catálogo excelente que vale a pena consultar e possuir, que se deve ao auxílio do Montepio Geral, e ao seu ilustre Presidente, Tomás Correia, ao qual estou muito agradecido.

Lisboa, 16 de Julho de 2013